

Anderson Almeida Nogueira

# Sonhos não envelhecem

Crônicas & Contos  
de Tiradentes - MG





SONHOS

NÃO

ENVELHECEM



*Anderson Almeida Nogueira*

SONHOS  
NÃO  
ENVELHECEM

+ Crônicas & Contos de Tiradentes-MG



Rio de Janeiro  
2020



O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade todo o conteúdo desta OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente de violação de direitos autorais ou direitos de imagem nela contida e declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

## Sonhos não envelhecem: + Crônicas e Contos de Tiradentes-MG

Copyright © 2020, Anderson Almeida Nogueira

Todos os direitos são reservados no Brasil

### Impressão e Acabamento:

*Pod Editora*

*Rua Imperatriz Leopoldina, 8 – sala 1110 – Pça Tiradentes Centro – 20060-030 – Rio de Janeiro*

*Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br*

*www.podeditora.com.br*

### Projeto gráfico:

*Pod Editora*

### Revisão:

*Pod Editora*

### Imagem de capa e do livro:

*Acervo do autor*

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânica, fotocópia, gravação, etc. — nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N71d

Nogueira, Anderson Almeida

Sonhos não envelhecem: + Crônicas e Contos de Tiradentes-MG/ Anderson Almeida Nogueira. 1ª ed. – Rio de Janeiro: PoD, 2020.

78p. : il. ; 21cm

Inclui índice

ISBN 978-65-86147-32-2

1. Crônicas brasileiras. 2. Contos brasileiros. 3. Literatura brasileira. 4. Tiradentes (MG). I. Título.

20-64834

CDD: 869

CDU: 821.134.3(81)

10.06.2020

18.06.2020

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Este livro é dedicado à cidade de Tiradentes,  
e aos amigos que fizemos aqui!



# Sumário

Prefácio.....	9
Lembranças no alto da montanha.....	13
Cachorros de rua .....	17
A moça bateu com o pano molhado na calçada .....	21
Chico Curió .....	23
Cupinzeiro.....	25
Dona Ana fez uma onça pra mim .....	27
Da janela eu vi um tucano .....	29
Quer comprar um cestinho hoje? .....	31
Picolé raiz.....	33
O melhor pior café de Tiradentes .....	35
Somos quase daqui.....	37
O som das matracas .....	39
Não atendo freguês de roupa suja .....	41
Pão de queijo.....	43
Elegância (?) .....	45
Velhos amigos.....	47
Se tivesse mar seria covardia .....	49
O guia.....	55
A igreja que nunca abre.....	61
O assalto ao trem recebedor.....	69



# Prefácio

Recebo do autor a missão de apresentar uma obra leve e divertida, que traduz sua paixão pela bela Tiradentes.

“Sonhos Não Envelhecem” é uma linda narrativa em forma de crônicas e contos, que descrevem de maneira bem humorada, detalhes do cotidiano do povo desta cidade, com seus costumes, crendices e personagens pitorescos; sua maneira simples de viver e seu jeito acolhedor que a todos conquista.

Rose May Ade de Almeida Nogueira

é enfermeira. Casada com o autor,  
com quem compartilha a paixão  
pela cidade de Tiradentes.



SONHOS  
NÃO  
ENVELHECEM

+ Crônicas de Tiradentes-MG



## Lembranças no alto da montanha

Numa dessas muitas idas e vindas a Tiradentes, Rose e eu fomos passear no balneário que fica na entrada de Santa Cruz de Minas, logo depois do belo pórtico todo forjado em ferro com bonitos florais, onde está grafado o título de “cidade dos móveis e artesanato”.

O acesso à cidade vizinha é feito pela Estrada Real num trecho de mais ou menos 5 quilômetros desde o centro de Tiradentes. Como disse, logo depois do pórtico chega-se a uma grande área toda cercada com muro baixo de pedra. Da estrada já se vê a queda d’água que despenca em véus pelas encostas da grande Serra de São José, a muralha natural de que divide a região das vertentes ao meio.

Além da Cachoeira do Bom Despacho, que desce em vários saltos, no balneário tem também uma represa baixa que forma uma piscina de águas de um tom amarelado-ferrugem, muito clara, donde se vê as pedras do fundo. Ali dentro também, no pátio amurado de pedras, tem um grande marco da Estrada Real em chapa de ferro recortado.

“Bom, mas e as lembranças? Você deve estar se perguntando”.

“Chego lá, respondo, só queria apresentar o lugar”.

Estacionamos o carro na entrada do balneário e fomos andar pelo lugar naquela manhã fria de inverno. Era feriado de Corpus Christi. Chegamos próximos a cachoeira, descemos pelo caminho até a beira da piscina, tocamos a água fria. Seguimos caminhando, agora no sentido contrário, na direção do marco histórico. “Tem uma trilha ali, vamos subir um pouquinho para tirar umas fotos, sugeri sob um olhar um tanto desconfiado de Rose”.

Subimos um pouco, depois mais um pouco, um tantinho mais. Tem trilha por todo lado. Mais uma ladeira...

Alguns trechos são entre pedras, noutros é preciso que nos apoiemos com as mãos no chão. Fomos em frente subindo o imponente paredão de pedra. Subimos, subimos, subimos...

Paramos, cansados, em uma laje de pedra já bem alta, sei lá a que altura estávamos, de onde se podia ver, de um lado a cidade de Santa Cruz ao longe; em frente o Rio das Mortes e a ferrovia que o margeia; atrás de nós a parte mais alta da Serra de São José, um vale de pedra e mais outra queda d'água ainda mais bonita que a anterior.

Ouvimos o apito do trem. A Maria Fumaça que liga Tiradentes a São João Del Rey surgiu no horizonte, de tão alto subimos a avistamos bem pequenininha, soltando sua coluna de fumaça, mais parecia um trenzinho de brinquedo.

Lembrei-me do trenzinho à corda que ganhei da minha madrinha Ivone, quando tinha uns dez ou onze anos. Era uma locomotiva com um vagão de carga e um outro de passageiros que ficava girando em uma estrada de ferro – de plástico, em formato de círculo. Foi um dos brinquedos mais legais que eu tive. Da infância simples, a aventura morro acima também nos trouxe a lembrança de escaladas em barrancos, de pique-árvore – quando pulávamos de galho em galho em fuga do outro, e tantas outras brincadeiras que já nem existem mais.

Nossa viagem no túnel do tempo particular durou o tempo em que ficamos conversando sentados no alto da montanha: bolinho de chuva, casa de vó, banho de rio, desfile escolar, carrinho de lata...

Hora de descer a serra, pé na trilha ladeira abaixo, dois jovens de novo!

Mas..., ladeira abaixo é cruel! Os joelhos reclamam, a coluna dói, a boca seca denuncia; as recordações de infância ficaram pra trás – lá no alto da Serra de São José.

Os 50 e alguns anos dão seu sinal e nos trazem de volta à realidade.





## Cachorros de rua

Eles fazem parte do cotidiano da cidade, compõem o cenário do lugar. Em vários pontos do passeio tem uns comedouros feitos com tubos e decorados, onde a gente da terra coloca comida pra eles. Não é raro ver os comerciantes fazendo um carinho ou dando um agradi-nho extra, um petisco diferente da ração do dia-a-dia.

Tem muito cachorro nas ruas de Tiradentes, mas não precisa ter medo não, é tudo manso e bem tratado. Carregam uma preguiça gostosa e a simpatia dos mineiros. Tem de todo tipo...

Tem um de cor de palha que fica sempre na entrada da Igreja do Rosário, umas vezes no pátio perto das correntes, por vezes deitado na escada da entrada, outras vezes dorme dentro do templo católico sem se incomodar com quem entra e sai. Faz parte do acervo. Existe cachorro barroco?

Atrás dessa mesma igreja, na viela que vai dar lá próximo à Matriz, ficam dois cachorros sempre juntos: um preto, maior e um outro, meio cinza meio bege, bem menor. Onde um vai o outro também vai, não muito longe, de uma calçada pra outra. O pequeno dorme sentado com as orelhas em pé – e não cai!

Tem um cachorro que uma mistura de todos que já vimos. Tem a cara preta, uma mancha avermelhada que vai do pescoço ao início do dorso, patas pintadas de marrom e o resto do corpo de um acinzentado que parece que foi salpicado de tinta preta. Um autêntico viralatas! Ele está sempre dormindo no bando de pedras que fica na lateral da padaria. Quando ele se atrasa dá até pra sentar ali e tomar um café...

## + Crônicas de Tiradentes-MG

Tem uma cadela preta e marrom que está sempre na calçada do Museu de Sant'Anna, bem em frente ao restaurante onde o violeiro cantador dá seu recado com sua voz meio anasalada, meio impostada, as vezes fazendo um tremido à la Caetano. Ela observa quando ele anuncia seu repertório em CD e pen-drive.

Parece que estão sempre com sono, como aquele branco que repousa na poeira do artesanato de pedra sabão, na beira do caminho do Bichinho. Me pergunto como ele consegue se manter branco naquele pó. Ou será que era de outra cor e o branco é do pó da pedra? Sei lá...

Tem aquele bege que passeia na calçada da loja de doce de figo cristalizado e das balas de coco que faz Rose se lembrar da infância. Tem um malhado que dorme na calçada da Igreja de São João Evangelista e outro, malhado também, que está sempre na subida da Santíssima Trindade.

Sabe aquele que dorme no banco de pedra da padaria? Ele também gosta de repousar sobre os tapetes da Via Sacra, na Semana Santa.

Na Praça do Largo das Forras tem um sem número deles, de todas as cores e tamanhos, passeando por entre os passantes, dormindo debaixo dos bancos ou nos canteiros das árvores. Tem um que é claramente misturado, não é de raça pura, trata-se de uma mistura de pastor alemão e vira-lata. Coitado, quisera ele ser um puro vira-latas, de pedigree vagabundo juramentado!

Tem uma cadelinha que frequenta sempre aquele restaurante de massa onde, na sexta-feira à noite, eu e Rose pedimos um espaguete com frutos do mar – delicioso acompanhado de um bom vinho! Sentamos numa mesa do pátio. A cadelinha circula entre as mesas, mansa,



A PoD Editora garante, através do selo FSC de seus fornecedores, que a madeira extraída das árvores utilizadas na fabricação do papel usado neste livro, é oriunda de florestas gerenciadas, observando-se rigorosos critérios sociais e ambientais e de sustentabilidade.

Composto e Impresso no Brasil  
Impressão Sob Demanda

21 2236-0844  
[www.podeditora.com.br](http://www.podeditora.com.br)  
[atendimento@podeditora.com.br](mailto:atendimento@podeditora.com.br)

**2020**